

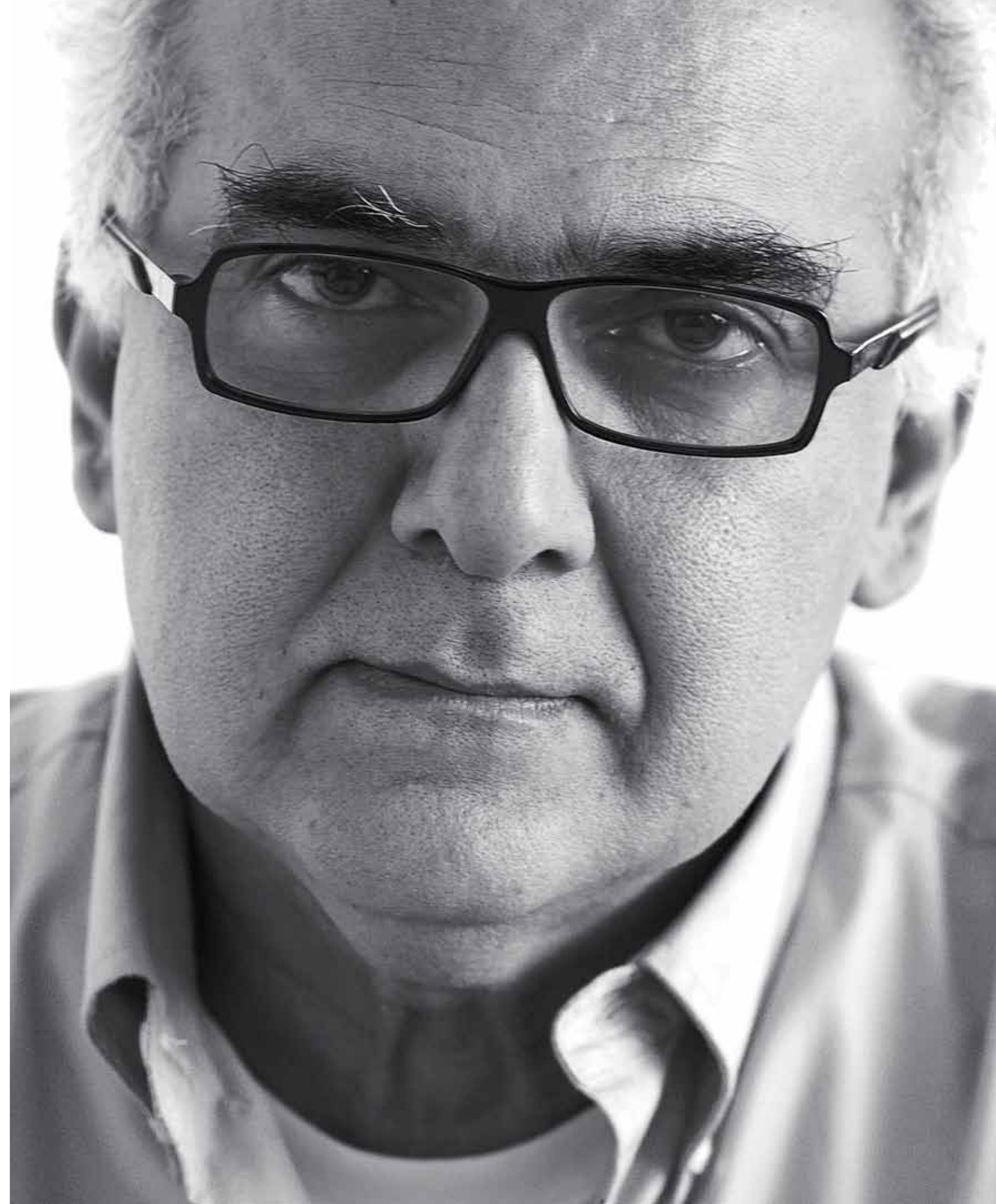
MILTON HATOUM

# NA OUTRA MARGEM DO RIO

EM SEU NOVO ROMANCE, O CONSAGRADO  
ESCRITOR MILTON HATOUM DEIXA AS PAISAGENS  
AMAZÔNICAS QUE SE TORNARAM CENÁRIO DE  
SEUS LIVROS E DE TRÊS NOVOS FILMES

POR KÁTIA MELLO FOTOS RENATO PARADA

O livro *Mea Culpa*, do escritor cubano Guillermo Cabrera Infante, descansa numa mesa, ao lado de dois pares de óculos e de um calhamaço de páginas rabiscadas a lápis numa letra miúda. Um dos mais celebrados escritores brasileiros, o amazonense Milton Hatoum, de 59 anos, ganhador de três prêmios Jabuti, não tem computador em seu escritório, no bairro paulistano de Alto de Pinheiros. Numa sala iluminada e espaçosa, com vista para um jardim, ele escreve à mão todas as manhãs e tardes. Depois de quatro anos, Hatoum agora anuncia que está pronto seu mais recente romance, que leva o nome provisório de *O Lugar mais Sombrio*. O livro está sendo revisado por sua mulher, Ruth Lanna, com quem tem dois filhos: João, de 7 anos, e Gabriel, de 4.



Neste novo livro, Hatoum tira os pés dos igarapés de sua infância na Amazônia, retratados em quase todas as suas obras, como o best-seller *Dois Irmãos* (2002), e atravessa o oceano rumo ao continente europeu. *O Lugar mais Sombrio* fala do exílio dos latino-americanos na França e traz referências teatrais, como o dramaturgo Samuel Beckett. “Gosto de teatro”, diz Hatoum. Tanto aprecia esse ofício que revelou a intenção de fazer uma ponta em algum dos filmes baseados em seus livros que estão sendo rodados. Sua obra é tão rica e complexa que três cineastas se interessaram em filmá-la. O cineasta Luiz Fernando Carvalho foi para a Amazônia rodar a minissérie *Dois Irmãos*, da TV Globo. O diretor conta que foi difícil encontrar a Manaus de arquitetura preservada como a do livro. O ator Wagner Moura interpreta os gêmeos Yaqub e Omar. O primeiro romance de Hatoum, *Relato de um Certo Oriente*, está sendo filmado por Marcelo Gomes e *Órfãos do Eldorado* (2008) é dirigido pelo estreante Guilherme Coelho.

**Você considera sua obra cinematográfica?**

Os cineastas acham que meus livros podem inspirar um bom filme. Com esses filmes, minha obra vai alcançar muitos mais leitores. A série *Dois Irmãos*, transmitida pela TV Globo, deverá atingir 20 milhões de pessoas e atrair um público leitor considerável. É o meu best-seller de longo prazo.

**Quem é o seu leitor?**

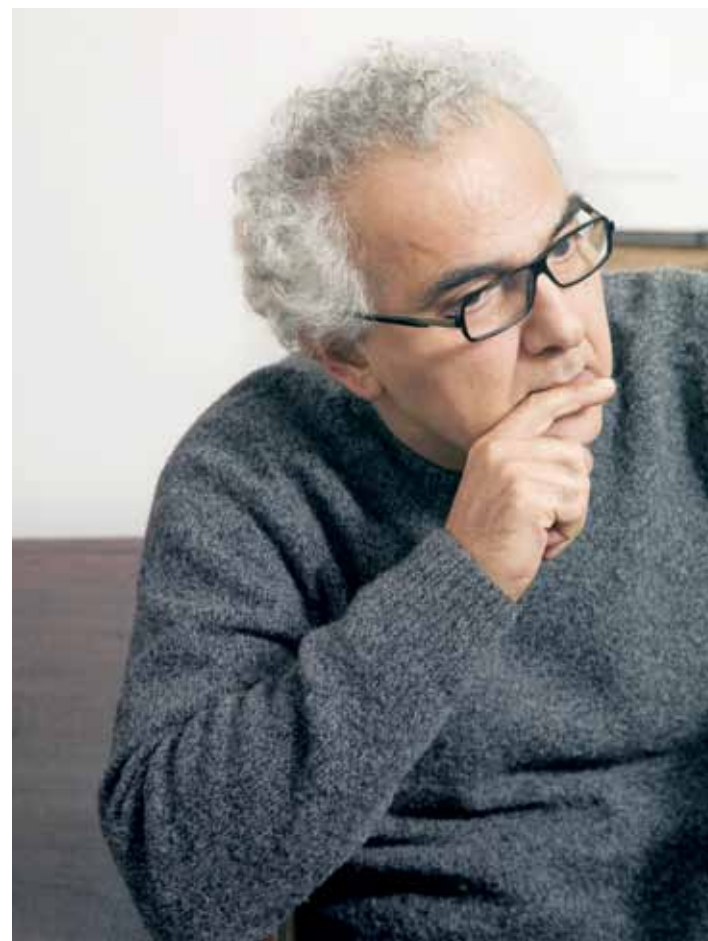
O livro *Dois Irmãos* atingiu um público heterogêneo. Caiu em várias provas de vestibulares de universidades de norte a sul do Brasil. Atraiu quem gosta de romance. E eu achava que esse livro seria um desastre. Era pessimista.

**Por que pensava assim?**

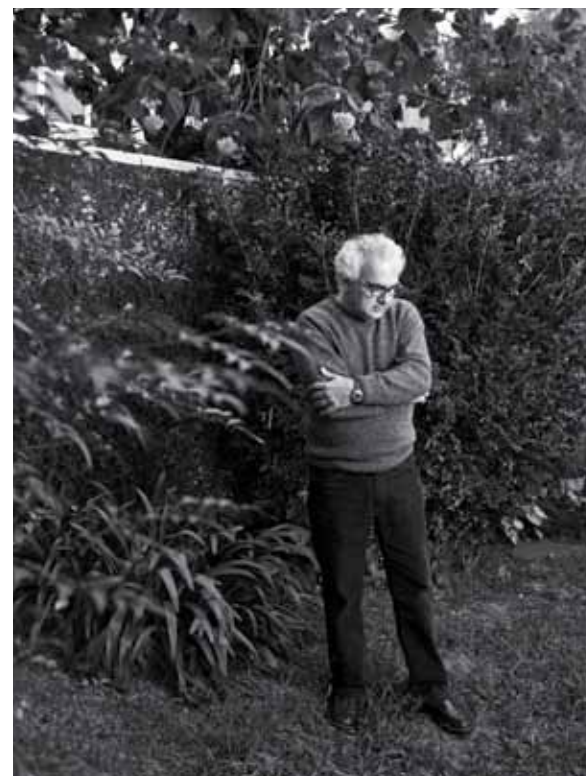
Porque o leitor brasileiro não gosta de ler. Prefere os best-sellers americanos ou os livros de autoajuda. Na verdade, esses milhões de leitores de best-sellers não vão ler *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa, ou *A Educação Sentimental*, de Gustave Flaubert, ou ainda *O Vermelho e o Negro*, de Stendhal. Felizmente, descobri que existem brasileiros que gostam de boa literatura. Ouço isso não só do MEC, mas de muitas pessoas sobre a qualidade de nosso leitor. É a escola de qualidade e o ambiente familiar que formam bons leitores, nessa ordem. Eu fui formado pela escola pública e pelos livros que minha mãe comprava.

**Como constrói seus personagens?**

O romance é um artifício verbal, feito com sentimento, inspiração, paixão. E a arte não está desvinculada da reflexão. Os grandes romances narram os dramas familiares e sua arte está em retratar uma vida particular. O que atrai o leitor é a vida das pessoas. O grande desafio é



Cartaz de *Dois Irmãos*: o ator Wagner Moura interpreta os gêmeos Yaqub e Omar



// FUI FORMADO PELA ESCOLA PÚBLICA E PELOS LIVROS QUE MINHA MÃE COMPRAVA



fazer personagens convincentes, complexos, ao mesmo tempo contraditórios e vivos. Isso dá trabalho. Todos eles têm algo de mim. Os meus piores sentimentos, o meu lado obscuro está lá.

**Em seus romances, a sensualidade amazonense é muito presente. De onde vem isso?**

Eu tive uma infância e uma adolescência muito livres. Meu pai me deu a chave de casa quando eu tinha 12 anos. Fiz parte da primeira banda eletrônica em Manaus. Era crooner e cantávamos tudo, como Beatles. Foi o primeiro dinheiro que ganhei na minha vida. Com 15 anos, fui para o paraíso mundano. Eu frequentava os balneários-bordéis, que eram maravilhosos. Nos clubes, você dançava, tinha um lado romântico. O meu conto “Varandas da Eva” ilustra um pouco essa época dos boleros. Manaus tinha muita influência do Caribe, é uma cidade muito erótica.

**Você costuma dizer que a vivência é que o fez ser um bom escritor. Por quê?**

Tive bons professores no colégio em Manaus e também leio desde muito jovem. Mas eu não passava o dia lendo. A literatura é vivência. E essa vida libertária, com bandas, serenatas, grêmio estudantil, me deu muita coisa. O fato de eu estudar em escola pública, com meninos pobres, também me salvou, pois conheci os bairros pobres de Manaus. A escola pública me deu a visão da pirâmide social no Brasil. Filhos de empregadas, faxineiras estudavam com filhos de desembargadores. E eu frequentava a casa de alguns deles. Além disso, eu conheci outros idiomas. Meu pai era libanês, meus avós paternos também. Minha avó falava francês e eu escutava muita música árabe. Convivi também com judeus marroquinos. E adorava ir com meu avô aos bairros flutuantes. Foi uma época rica na minha vida. Tudo isso faz parte de um mundo que tento transformar em um microcosmo, que é o meu romance.

// A LITERATURA É VIVÊNCIA. E ESSA VIDA LIBERTÁRIA, COM BANDAS, SERENATAS, ME DEU MUITA COISA”

**Para escrever *Viagem do Elefante*, o escritor José Saramago disse que estudou os movimentos do animal. Você faz pesquisas para seus romances?**

No livro *Órfãos do Eldorado*, uma novela de 100 páginas, por ser um gênero difícil, eu queria que os conflitos familiares fossem de ordem política. Tive de fazer uma pesquisa, com relatórios de 1900 a 1940, sobre os casos de corrupção na cidade de Parintins (*centro simbólico do romance*). Também pesquisei sobre os mitos na Amazônia. Quando estava no meio do livro, parei de escrever e fui para lá. Faltava o nome de um personagem. Desci o Rio Amazonas e os rios vizinhos. Não fotografei nada. Andei pelos povoados e conversei muito com as pessoas. Então veio o nome da personagem Dinaura. (*O escritor argentino*) Jorge Luis Borges costumava dizer que não faz bem ir atrás da história (*risos*).

**Você levou uma década para escrever *Dois irmãos*. Em que momento percebe que seu romance terminou?**

Aos poucos vou me desgarrando, desmamando do livro. E vou até o limite. Quando começo a ficar enjoado do que escrevi, paro. Escrevo à mão, não tenho computador. Às vezes, escrevo seis horas por dia, inclusive cartas de amor imaginárias. Eu não tenho bloqueio para escrever. O meu dia começa com o romance, mas nem sempre o termino com ele. É uma viagem sem destino certo. ■



O escritor amazonense em sua casa em São Paulo, brincando com o filho mais novo, Gabriel, de 4 anos